

O FORASTEIRO

Escrito por

Diogo Cronemberger

EXT. NATUREZA - DIA

Sol causticante.

Vegetação de Caatinga. Animais. Pinturas rupestres representando o mesmo ambiente.

TÍTULO: "O FORASTEIRO".

NARRADOR (V.O.)

Mamãe que me contou essa história. Várias vez. Eu nunca entendi o que ela sentia por trás das palavra. Se tava agoniada, conformada... Se doía ou sossegava a dor... Acho que ela contava pra num acontecer de novo.

EXT. MATO - DIA

As costas de um HOMEM JOVEM andando pelo mato, usando uma faca para cortar galhos e abrir seu caminho.

Ele é CARRAIMUNDO, mestiço, com roupas simples e velhas. Muito atento ao seu entorno, ele está procurando rastros, pegadas, em uma mistura de determinação e medo.

Não muito distante, ele vê um chapéu de couro. Ele pára, o pega e o examina detidamente.

Ele olha em volta e vê uma maniçoba por perto, com látex pingando. Tensão, expectativa.

Ele escuta o GRITO DE UMA MULHER. Ele vê uma marmitta e comida no chão. Ele olha para cima e vê um HOMEM RÚSTICO de meia-idade, mestiço, em cima de uma MOÇA, jovem.

Ela vê Carraimundo, consegue livrar-se do controle do homem e corre em direção a ele. Ela está chorando, seu vestido sujo e seu corpo machucado. O homem vai atrás dela.

Os olhos tristes da moça encontram os de Carraimundo, pedindo ajuda. Ela está a ponto de abraçar Carraimundo quando ele a empurra para o lado. O homem vem em seguida, seu olhar fixo sobre ela, mas encontra a faca de Carraimundo: este o ataca.

Eles se olham por algum tempo. Ambos agitados. Inquietação. O homem rústico olha para seu braço: está sangrando.

O homem rústico olha para a moça. Carraimundo está a ponto de lançar-se contra ele.

MOÇA

Vai simhora, pai.

Carraimundo olha para ele, para ela. O homem rústico aproveita a chance para afastar-se de Carraimundo. Corre.

Carraimundo continua a olhá-lo. Quando se vira para a moça, ela está recolhendo a marmitta.

Ele olha para ela. Ela olha para ele. Ela é bonita, mas, ao mesmo tempo, a personificação do sofrimento. Olham-se, mas não trocam nenhuma palavra. Ele vai embora.

EXT. UMA CLAREIRA NO MATO - NOITE

Carraimundo está deitado em uma rede, uma mala a seu lado. Ele tira um anel de ouro de seu anular e começa a brincar com o objeto.

Carraimundo sente que alguém se aproxima e toca sua faca dentro de sua algibeira.

MOÇA (O.S.)

Queria te agradecer.

Aliviado, ele olha para a moça.

MOÇA

Posso dormir aqui com tu?

(pausa)

Me chamo Geni... Pelo amor de Nossa Senhora. Não posso voltar.

CARRAIMUNDO

Eu não tô procurando problema.

Eles se olham em silêncio.

Ela tira a parte de cima do vestido, mostrando seus seios. Ela olha para baixo e depois para ele.

Ele olha para seu rosto sério e sem expressão e se levanta. Em frente a ela, coloca-lhe a roupa de volta.

CARRAIMUNDO (CONT'D)

Carraimundo. Descansa.

Ele aponta para a rede, anda até uma árvore, deita ao lado dela. Ele olha para Geni, deitada em sua rede, e para o céu.

EXT. MATO - DIA

Carraimundo está diante de um lago.

Bebe água vorazmente. Enche um cantil. Molha o rosto.

Algo chama sua atenção. Vê o reflexo de um HOMEM ROBUSTO, de meia-idade, mestiço, atrás dele, segurando um facão, um lenço vermelho em seu pescoço. Seu rosto não se vê.

Carraimundo, impressionado, tenta conter suas emoções. Ele se vira e não vê ninguém. Alguns arbustos se movimentam, mas nada mais que isso.

EXT. UMA CLAREIRA NO MATO - DIA

Carraimundo, correndo, chega à clareira. A rede está vazia. Ele está ofegante. Ele está preocupado.

Geni emerge do mato. Parece assustada.

CARRAIMUNDO

Que aconteceu? Tu viu alguém?

GENI

Não, tava procurando por tu. Tava com medo que tu não fosse voltar.

Carraimundo lhe entrega o cantil.

CARRAIMUNDO

Eu tô aqui. Bebe um pouco d'água. A gente tem que ir. Rápido.

GENI

Que foi? Tu viu alguém?

Carraimundo pega sua mala.

CARRAIMUNDO

Acho que vi o homem que eu tô procurando.

EXT. MATO - DIA (SEQUÊNCIA DE MONTAGEM AO LONGO DE VÁRIOS ESPAÇOS E DIAS)

Nas proximidades do lago, Carraimundo adentra o mato, carregando sua mala, muito atento ao seu entorno. Geni o segue.

NARRADOR (V.O.)

Carraimundo procurava esse homem desde que a tia morreu e ele ficou sozinho no mundo. Era obsessão, ideia fixa, e só ficava mais forte com o passar do tempo, que nem as pedras da região, com camada em cima de camada indo pro céu.

CORTA PARA:

EXT. MATO - DIA

Carraimundo e Geni passam por duas pedras monumentais, uma do lado da outra.

NARRADOR (V.O.)

Os antigos que falavam assim, e falavam que as pedras gêmeas, muito, mas muito tempo pra trás, era uma só.

Geni bebe água do cantil. Ela passa o cantil para Carraimundo.

CARRAIMUNDO

Guarda pra depois.

CORTA PARA:

EXT. MATO - DIA

Carraimundo e Geni, cada vez mais cansados, passam por uma pedra gigantesca com um furo no meio.

NARRADOR (V.O.)

No meio das dificuldades, Carraimundo e Geni tavam virando um só. Começaram a se acostumar, a olhar pelo outro, tentar cuidar...

CORTA PARA:

EXT. MATO - DIA

Carraimundo faz com que Geni se agache com ele, escondendo-se atrás de uma pedra.

Vêm dois JAGUNÇOS, um HOMEM BONITO, 30, e um HOMEM BRUTO, 38, segurando armas.

NARRADOR (V.O.)

Contra todos os perigos que vinham de fora, contra jagunço e tudo de ruim que conseguia brotar daquela terra.

CORTA PARA:

EXT. MATO - DIA

Carraimundo e Geni andam. Ela está suando. É difícil.

Já caminharam por um longo tempo, mas continuam a andar, a seguir os rastros na paisagem majestosa. Ela parece bem cansada. Olha para ele e diminui o ritmo.

NARRADOR (V.O.)

Só que com o tempo ela tava ficando cansada, e tem vez que os perigo não vem de fora. Eles nasce de dentro.

Geni olha para trás e vê uma VACA morta, muito magra, rodeada de urubus, ao longe.

EXT. MATO - DIA

Não há mais pegadas no chão.

Geni, exausta, olha para Carraimundo. Ele não olha para ela. Olha para frente. Ele anda com determinação, esperançoso.

Ele não acredita no que vê. Ao longe, as mesmas pedras gêmeas de antes.

GENI

A gente tá andando em círculos.

Depois de uma breve pausa, ele decide voltar.

CARRAIMUNDO

Vamo. Vamo voltar pro lugar onde ele desapareceu.

GENI

Espera. Eu não consigo -- Tu nem sabe se ele é mesmo o home --

CARRAIMUNDO

Eu sei é que, se não fosse por tu, eu tinha corrido atrás dele. Eu tinha pegado ele. É

(MORE)

CARRAIMUNDO (CONT'D)  
as pegadas dele que a gente tá  
seguindo. Eu sei que é ele.

Carraimundo continua a andar. Geni, muito fraca, o segue.

GENI  
A gente tem que descansar. Só um  
pouco...

CARRAIMUNDO  
A gente não pode. Bebe mais água e  
vamos.

GENI  
Teus pés tão sangrando. Deixe eu  
ver.

CARRAIMUNDO  
Eu posso andar.

GENI  
Tu tem que descansar também.

CARRAIMUNDO  
Não.

Ela vê um FORMIGUEIRO.

CARRAIMUNDO (CONT'D)  
Nada pára pra descansar.

Geni deliberadamente pisa perto do formigueiro; grita de dor.  
Foi picada por uma COBRA.

Carraimundo se vira e corre ao seu encontro.

Ela quase desmaia e Carraimundo começa a sugar o veneno de  
sua perna. Ele olha para ela. Ela fecha os olhos. Ele suga  
mais, abrindo os olhos dela com suas mãos.

CARRAIMUNDO (CONT'D)  
Tu tem que manter essa posição.  
Fica calma.

Ele suga mais. Ele pega um pedaço de pano e faz um nó acima  
do ferimento.

Os olhos dela estão fechados. Ele os abre e lhe dá um tapa  
para que fique acordada.

Sofrendo, agitada, ela está fora de si. Ele lhe dá outros  
tapas.

Carraimundo carrega Geni.

EXT. CAMPO ABERTO NO SERTÃO - ENTARDECER

Um urubu no céu.

Carraimundo, ainda carregando Geni, avista um casebre.

NARRADOR (V.O.)

Mamãe ficou fora de si depois da cobra. Lembrava de pequenas coisa. Devia de imaginar outras.

INT. CASEBRE DE GUMERCINDO - ENTARDECER

Carraimundo, preocupado, olha para Geni, que está sentada sobre uma mesa de madeira na rústica sala de estar. Ela sente dor, mas é forte.

Uma MULHER VELHA, impassível, encara Geni com olhos mortos. GUMERCINDO, um senhor agressivo, trata do ferimento de Geni usando folhas.

NARRADOR (V.O.)

Uma casa longe... Um homem velho... Vivido... Do tipo que entendia o que não tá nas palavra. Sabia que tinha gente atrás dos dois, e o aviso dele parecia ameaça.

Carraimundo olha para um amuleto pendurado em um rifle.

NARRADOR (V.O.)

Carraimundo também entendia além das palavra. Sabia que o velho tinha tido parte com o cangaço e que podia conhecer o homem que ele tava procurando.

Carraimundo, entre preocupado e desafiador, anda em direção a Gumercindo.

CARRAIMUNDO

Tem um que veio pra essas bandas faz uns 22 anos, com uma cicatriz no peito.

GUMERCINDO

Todos já morreram.

CARRAIMUNDO

Eu vi o homem. Tão perto que podia tocar.

GUMERCINDO

Tu vê o que tu quer ver!

Geni está assustada. Carraimundo pára de discutir.

EXT. CAMPO ABERTO NO SERTÃO - ENTARDECER

Carraimundo e Geni saem do casebre lado a lado. Ela se apóia nele.

NARRADOR (V.O.)

Uma vida inteira com um pensamento só. Ideia fixa.

EXT. PERTO DO MATO - MAIS TARDE

Carraimundo e Geni continuam a andar - com dificuldade.

NARRADOR (V.O.)

Se o homem tava morto, tudo perdia o sentido, como se as camada em cima de camada de pedra desabasse e virasse pó.

Carraimundo perspira febrilmente. Geni usa sua mala como um travesseiro e se deita.

Carraimundo, com a mente cheia de atividade, continua andando, indo de um lado para o outro.

Escuta uma voz.

CARMOSINA (V.O.)

Esse homem violentou tua mãe. Tinha outros, mas esse era o pior. Violentou tua mãe. Ele batia, se acabava entre as perna dela e ria. Tu tem que encontrar e matar, meu menino.

Ele vê uma MULHER ao longe, perto de uma gruta. Ele a segue.

É uma visão de sua tia já morta, CARMOSINA, 63, branca, magra, de preto. Ela anda em direção à gruta.

CARRAIMUNDO

Tia Carmosina?

CARMOSINA

Tua mãe te amava...

CARRAIMUNDO

(desesperado)

Tia Carmosina! Tia Carmosina!

(tirando seu anel)

Tu disse que esse anel era de minha mãe. Tu disse que era dela e que era pra eu andar com ele a vida inteira. Tu disse pra eu pegar aquele homem que trouxe tanta dor pra ela... Mas e se ele tá morto, tia Carmosina?

CARMOSINA

(virando-se para ele)

Tua mãe te amava, meu menino valente.

Carmosina continua a andar em direção ao interior da gruta.

CARRAIMUNDO

Tia Carmosina! Espera!

Ela desaparece dentro da gruta.

INT. GRUTA - DIA

A gruta parece um templo natural. Geni está dormindo ao lado de um Carraimundo pensativo.

Geni acorda. Ambos já recarregaram suas energias.

CARRAIMUNDO

Tá se sentindo melhor? Logo logo não vai precisar dessa faixa...

Geni concorda com a cabeça.

GENI

Quem é esse homem que tu tem que matar?

CARRAIMUNDO

(depois de uma pausa)

Meu pai. Ele violentou minha mãe e abandonou ela. Abandonou nós dois... Minha tia falava que minha mãe tentou me tirar, depois juntava as pernas e fazia força pra dentro. Um cangaceiro que virou jagunço... Vendeu a alma. Agora é muito tarde pra mudar...

GENI

Mas o velho falou que ele tá morto.  
Tu ouviu o velho.

CARRAIMUNDO

Eu sei o que eu vi.

Silêncio.

GENI

Não tem importância. Vamo pro  
litoral, pra longe daqui.

Carraimundo não responde.

GENI (CONT'D)

Escuta! Tô falando contigo! Esquece  
o que é ruim pra tu. A vida é  
melhor por lá.

CARRAIMUNDO

A gente tá longe de lá. A gente tem  
que ter cuidado enquanto tamo aqui.

Geni olha bem dentro dos olhos de Carraimundo.

GENI

Me promete que tu vai esquecer.

Geni olha para seus olhos perdidos. Ela fala com firmeza, bem  
próxima dele.

GENI (CONT'D)

Me promete que tu nunca vai matar,  
mesmo se for alguém que não presta  
como meu pai e o teu. Se não tu vai  
perder tua alma, Carraimundo... Tu  
vai perder tua alma. E Deus tá  
dando uma oportunidade pra tu e pra  
mim de começar uma vida nova.

Nenhuma resposta. Geni apóia a cabeça sobre o ombro de  
Carraimundo, que afaga os cabelos dela sem saber direito o  
que fazer.

Os olhos dele continuam perdidos. Geni está preocupada.

EXT. MATO - DIA

O sol impiedoso. A natureza exuberante.

Muitas PINTURAS RUPESTRES em uma toca.

Carraimundo, fascinado, se aproxima da toca e se agacha para olhar melhor as pinturas, próximas do chão.

Geni encontra um pequeno porta-jóias e o abre. MÚSICA.

GENI

Uma caixa tão bonita... Perdida...

Nada dentro a não ser um espelho. A LUZ se reflete com intensidade sobre os olhos dela.

Ela percebe que Carraimundo está maravilhado.

CARRAIMUNDO

O que é isso aqui?

GENI

Os antigos falam que os índios viviam nessas tocas há muito tempo, que nem os maniçobeiros agora. Eles faziam fogueira, deviam desenhar o que eles viam, o que acontecia...

CARRAIMUNDO

Que bicho é esse?

GENI

Sei não. Meu pai falava que cada hora esses desenho parecia uma coisa diferente pra ele.

Geni olha para Carraimundo. Ele parece diferente.

Carraimundo olha para as pinturas - diferentes animais.

Ele olha para ela. Olham um para o outro.

Ele se levanta devagar. Ela aponta para uma árvore cheia de umbus.

GENI (CONT'D)

Adoro umbu!

CARRAIMUNDO

Vou pegar pra tu.

Ele se vira para ver a árvore e ela corre para o outro lado, brincando. Ambos riem.

Brincam como se fossem crianças. Ela tenta pegar o umbu da mão dele.

Acabam por se envolver em um abraço.

Olham-se por um tempo. Beijam-se.

Não param de beijar-se. Tiram as roupas.

Olham-se intensamente. Transam.

Na toca, uma pintura rupestre de duas pessoas se beijando. Depois, a pintura de um parto. Por fim, uma pintura representando atos violentos.

EXT. MATO - MAIS TARDE

Geni, dormindo, está envolvida pelos braços de Carraimundo.

Carraimundo sente algo e acorda. Olha para o porta-jóias.

Preocupado, ele se levanta devagar e fecha o porta-jóias, não sem antes ver, através do espelho, o homem robusto, a imagem de seu pai - não seu rosto, mas seu peito.

RISADAS. A música pára.

Carraimundo rapidamente empunha sua faca. Ele vira e não vê ninguém onde seu pai deveria estar.

Ele olha para Geni com carinho.

Ela dorme, então ele vai para o lugar de onde vieram as risadas.

Esconde-se e vê, ao longe, os homens passarem: o homem bonito, o bruto, e o pai de Geni, o homem rústico.

Momentos de apreensão. Os homens olham ao redor.

Carraimundo rapidamente vai para um esconderijo distinto.

Empunhando suas armas, eles continuam a andar. Antes de os três irem embora, o pai de Geni dá um TIRO para o ar.

Sozinho, Carraimundo passa a ouvir novamente as RISADAS. Cada vez mais RISADAS. Fica perturbado. Não acha a origem do som.

Não aguentando mais, corre para a toca.

Olha para Geni, sã e salva. De novo, a RISADA do pai. Ele olha em volta. Onde está seu pai? A RISADA continua!

Carraimundo, com energia incontida, pega o porta-jóias e o quebra. Não há mais música.

Ele usa o espelho para olhar para trás assim como para a frente. Ele não consegue encontrar seu pai.

Pinturas rupestres representando sexo com homens com órgãos sexuais enormes e o que pode ser um estupro.

Carraimundo, desesperado, aponta sua faca para o espelho.

Pintura de duas pessoas se beijando. As RISADAS desvanecem-se.

EXT. TOPO DE UMA MONTANHA ROCHOSA - DIA

Carraimundo, sentado, sozinho, refletindo.

Carraimundo anda em direção ao umbuzeiro próximo. Ele começa a cortar alguns galhos violentamente com sua faca.

EXT. MATO - DIA

Geni ainda dorme. Carraimundo, a seu lado, olha atentamente para ela. Sonolenta, ela abre os olhos e olha para os dele.

GENI

Tu viu alguma coisa?  
 (muito assustada)  
 Meu pai?  
 (pausa)  
 Teu pai?

CARRAIMUNDO

Nada. Dorme.

Ele acaricia os cabelos dela. Sentindo-se segura, ela fecha os olhos.

Ele tira seu anel e o coloca no dedo anular dela.

Ele luta consigo mesmo para conter suas lágrimas. Tira o anel do dedo dela.

Ele desamarra o pedaço de pano da perna dela e o coloca dentro de seu bolso.

Ele deixa para ela seu cantil cheio de água e alguns umbus.

Ele vai embora e não olha para trás.

EXT. EXTERIOR COM AREIA - DIA

Vegetação. Carraimundo caminha em meio a ela.

NARRADOR (V.O.)

Mamãe só podia contar até aqui. Mas eu acho que tem um pouco mais. Acho que o mundo num cansa de dar volta, e o homem num cansa de dar volta no mundo.

Em frente a uma casa construída em uma toca (com paredes de taipa), o maniçobeiro ADAMIR, cerca de 40, negro, brinca com seu filho de 8 anos, ANTONIO ELIAS.

NARRADOR (V.O.)

No sul do Piauí e em todo lugar por perto, o povo conta a história de um andarilho, um homem forasteiro, um estranho que chegou sem aviso e sem passado e passou a viver lá longe na casa de um maniçobeiro...

Carraimundo se aproxima da família.

Adamir, assustado, pega um pedaço de pau. Antonio Elias, com olhos grandes, desconfiado, fica perto de seu pai.

NARRADOR (V.O.)

Casa que antes tinha sido toca de caboclo brabo.

Carraimundo levanta suas mãos. Acena.

NARRADOR (V.O.)

Esse maniçobeiro era bom. Chamava Adamir. E tinha um menino.

Adamir o observa sem medo. Antonio Elias o encara com curiosidade.

EXT. TOPO DE UMA MONTANHA - DIA

Carraimundo e Adamir andam juntos; carregam suas ferramentas.

NARRADOR (V.O.)

O estranho se deu bem com Adamir. A vida não era fácil. Era vida de trabalho duro.

EXT. MATO - DIA

Adamir ensina Carraimundo a extrair látex da maniçoba do modo tradicional.

NARRADOR (V.O.)  
Muita peleja e medo dos jagunços  
que roubavam o pouco que Adamir  
tinha.

EXT. EXTERIOR COM AREIA - DIA

Adamir brinca com Antonio Elias.

NARRADOR (V.O.)  
Mas também era uma vida nova pro  
estranho. Talvez uma segunda  
chance... Ou só um intervalo.

EXT. EXTERIOR COM AREIA - MAIS TARDE

Todos descansam. Carraimundo olha para Adamir e Antonio Elias  
juntos.

NARRADOR (V.O.)  
Era uma vida comunhão. E tinha esse  
menino. E o estranho acabou virando  
outro pai prum filho que não era  
dele. Devia de ser uma vida  
feliz...

Adamir tira sua camisa e cobre o sonolento Antonio Elias com  
ela. O menino dorme.

EXT. EXTERIOR COM AREIA - DIA

Carraimundo e Adamir chegam à toca. Carraimundo sorri para  
Antonio Elias e coloca sua bolsa de látex perto da toca.

Ele brinca com o menino, correndo atrás dele.

Ele o pega.

CARRAIMUNDO  
Ê, cabra danado. Tu é rápido  
demais. Vai ser esportista? O novo  
Adhemar?

ANTONIO ELIAS  
Vou ser maniçobeiro, que nem meu  
pai.

EXT. EXTERIOR COM AREIA - MADRUGADA

Pinturas rupestres representando atos violentos anunciam o que está por vir.

Todos dormem. PASSOS.

O homem bruto, o bonito e o rústico, o pai de Geni, se aproximam do lar de Adamir.

Os homens pegam as bolsas de látex.

HOMEM RÚSTICO

Podem ir.

O homem bruto e o homem bonito vão embora.

O homem rústico se aproxima da toca e vê Adamir e Antonio Elias dormindo.

Carraimundo aparece por trás, tentando estrangulá-lo.

Eles brigam violentamente.

O homem rústico tenta cortar a garganta de Carraimundo com uma faca, deixando só uma ferida superficial.

Carraimundo o empurra. O homem rústico o ataca, deixando outro ferimento em seu peito.

Carraimundo se defende de um novo golpe e se lança sobre o homem rústico, enterrando a faca em sua barriga. Parece que estão unidos em um abraço.

O homem rústico cai. MORTO.

Carraimundo olha para Antonio Elias, agora acordado, quieto e sério.

Carraimundo pega sua mala e seu cantil. Começa a andar em direção ao mato.

ANTONIO ELIAS

Pra onde tu vai?

CARRAIMUNDO

Vou achar meu pai.

ANTONIO ELIAS

Pra tu matar ele?

Carraimundo vai embora, adentrando o mato.

EXT. PERTO DE UM LAGO - ENTARDECER

Vegetação da Caatinga.

NARRADOR (V.O.)

O pai de mamãe morreu. Só pode ter sido Carraimundo.

A superfície de um lago. Pequenas ondas na água.

O reflexo de um pequeno BEBÊ torna-se visível.

Geni, carregando-o, olha para a imagem dos dois.

NARRADOR (V.O.)

Num sei o que mamãe pensava disso.

EXT. TOPO DE UMA MONTANHA - ENTARDECER

Muitas formações rochosas.

NARRADOR (V.O.)

Talvez ele tenha perdido a alma.  
Talvez por ela.

Pintura rupestre representando um homem dentro de algo arredondado.

NARRADOR (V.O.)

Acho que o mundo num cansa de dar volta. Acho que ela contava a história pra num acontecer de novo.

Geni, sentada em rochas, segurando o bebê, olha para frente.

GENI

Teu pai tá num labirinto que nem essas montanhas daqui, chamado Confusões. Um dia nós vamos pro litoral, onde a terra é aberta e o mar é enorme... Tu nunca vai querer voltar.

(pausa)

Agora tu tem que ficar quieto. Quando tudo tá silencioso por aqui, tudo bem em paz, as andorinhas ficam voando em círculo e depois mergulham no ar. Shhh...

Geni olha para frente, esperando as andorinhas.

TELA PRETA.